

Manuela Soutello Mendes da Fonseca
Sue Anne Regina Ferreira da Costa

Museus e Coleções da UFPA: os espaços existentes no Instituto de Ciências Biológicas(ICB)

Manuela Soutello Mendes da Fonseca Santos¹,
Sue Anne Regina Ferreira da Costa²

255

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

RESUMO:

A partir das investigações, iniciadas em 2016, acerca dos museus universitários existentes no campus Belém da Universidade Federal do Pará (UFPA), identificamos mais de cinco espaços. Para este trabalho centramos nos museus localizados no Instituto de Ciências Biológicas (ICB): Museu de Anatomia Humana e Museu de Zoologia. Discutimos como esses espaços se auto-representam e os analisamos com base nos conceitos de museu e coleção universitária, coletados de bibliografias sobre o tema. Destacamos, também, se há visibilidade dos espaços dentro da universidade e qual o papel da museologia e dos museólogos nesses locais.

Palavras-chave:

Museus universitários; Coleção universitária; Ciências biológicas; Museologia; Museólogo.

ABSTRACT:

From the investigations initiated in 2016, about the university museums that exist at the campus of Universidade Federal do Pará (UFPA) in Belém, we identify more than five spaces. For this work, we focus on the museums located in the Instituto de Ciências Biológicas (ICB): Museu de Anatomia Humana and Museu de Zoologia. We discuss how these spaces represent themselves and analyze them on the basis of the concepts of museum and university collection, collected from bibliographies on the subject. We also emphasize the space's visibility within the university and the role of museology and museologists in those places.

Key words:

University museums; University collection; Biological sciences; Museology; Museologist.

Introdução

Os ideais de museu e universidade caminharam juntos nos primórdios da humanidade, exemplo disso é o Museu de Alexandria. Apesar de não haver muitas informações a respeito do local, sabe-se que possuía uma vasta biblioteca, além de coleções de objetos, laboratórios, zoológicos, entre outros (Almeida, 2001: 11); buscando investigar o mundo em torno do homem, e constituindo-se como um lugar de convívio e de pesquisa (Guarnieri, 1979: 81). Almeida (2001: 12), Guarnieri (1979: 81) e Marques (2007: 9) consideram o Museu de Alexandria como um espaço onde encontramos as características de museu e de universidade, pois, além das extensas coleções, havia o exercício do ensino e da pesquisa.

Porém, a criação do primeiro museu universitário, propriamente dito, deu-se ao final do século XVII, com a transformação dos museus em espaços públicos, sendo marcado pela abertura do Ashmolean Museum, na Universidade de Oxford, Reino Unido, em 1683. O espaço era composto pela diversificada coleção doada por Elias Ashmole, que considerava a universidade como “melhor guardiã” para as coleções, além de poder utilizá-las para estudos (Almeida:

¹ Mestranda em Ciência da Informação - UFPA

² Professora Adjunta - Museologia - UFPA

2001). No Brasil, contudo, os museus universitários surgiram com a criação das Universidades, em sua maioria, a partir dos anos 1950 do século XX (Almeida: 2001). A Universidade Federal do Pará (UFPA), criada em 1957 (Brasil: 1957: 1), possui, em sua maioria, espaços criados a partir de laboratórios de pesquisa e de ensino, que, posteriormente, passaram a se tornar instituições denominadas de museus.

Para embasar a discussão teórica acerca dos museus universitários, utilizamos a tese de doutorado em Ciências da Informação e Documentação (USP), de Adriana Mortara Almeida (2001), na qual é estudada a importância dos museus de arte da Universidade de São Paulo; a dissertação de mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA), de Roberta Smania Marques (2007), que investiga o ensino não-formal nos museus da Universidade Federal da Bahia; e o artigo de Roberta Marques e Rejâne Silva (2011), a respeito do reflexo das políticas universitárias nos museus da UFBA.

O estudo acerca dos museus universitários da UFPA mostra-se como novo, apesar de alguns museus existirem desde a década de 1980 (Museu de Geociências e Museu da UFPA), o curso de Museologia chegou à UFPA somente em 2009 (Universidade Federal do Pará: 2009), e se configura como o único na região Norte até o presente momento.

Sendo assim, a importância da pesquisa, nesses espaços, enriquece a produção acadêmica da região, além de aproximar esses museus ao campo da Museologia e a Museologia a eles, proporcionando uma troca de conhecimentos e uma prática dos conteúdos museológicos (como conservação, documentação, museografia etc), reforçando, segundo Guarnieri (1981), a interdisciplinaridade presente na Museologia.

I. Sobre os Museus Universitários no Brasil

Os museus universitários surgiram, no Brasil, com a criação das Universidades, em sua maioria, nos anos 50 do século XX. Nessa época, existiam museus – fomentando ensino e pesquisa – e escolas de nível superior, mas a aglutinação das escolas em único centro e a criação de universidades vieram como resposta às necessidades da sociedade moderna. Com essa junção, vários museus foram agregados às instituições, como o caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro: criado em 1818, como Museu Real, o Museu Nacional foi um espaço de grandes pesquisas e de ensino, até que, no século XX, com a criação de centros de pesquisas e escolas superiores, o Museu passou por crises; em 1946, o espaço foi integrado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (Almeida: 2001).

Almeida (2001: 10) define museu ou coleção universitária sendo aquela que está total ou parcialmente em domínio de uma universidade, sendo esta responsável pela salvaguarda, espaço e pessoal. Também explica que os museus universitários podem ser formados de diferentes formas, como “aquisição de objetos ou coleções de particulares por doação ou compra, pela transferência de um museu já formado para responsabilidade da universidade, pela coleta e pesquisa de campo e pela combinação desses processos” (Almeida, 2001: 13). Marques e Silva (2011) atentam que, nas coleções universitárias, as quais se adquire, conserva e pesquisa, não há preocupação em promover a divulgação e/ou exposição dos bens. Diferente dos museus, onde se faz o mesmo, porém a comunicação se dá através da divulgação e da exposição do acervo.

Apesar de existir a definição de Museu do Conselho Internacional de

Museus (ICOM, em inglês), a qual é:

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, a qual adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe os patrimônios tangíveis e intangíveis da humanidade e o seu meio, para fins de educação, estudo e apreciação³ (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2017, p. 3, tradução nossa).

Para este trabalho, escolhemos por definições distintas de museu universitário e coleção universitária para poder investigar os museus da UFPA de maneira mais precisa. A definição do ICOM engloba a categoria de museu universitário e várias outras, porém, por ser mais ampla, optamos buscar por definições específicas.

O presente estudo vem como fruto das pesquisas teórica e empírica acerca dos museus universitários existentes na UFPA, nos anos de 2016 e 2017. Conforme a investigação realizada em 2016 no projeto “Teoria e Prática Museológica nos Museus de Ciências da UFPA”, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Produção Artística (PIBIPA/2016), foi possível identificar e mapear os museus universitários presentes no Campus de Belém, obtendo como resultado cinco espaços: Núcleo de Astronomia e Museu Interativo da Física, no Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN); Museu de Geociências, extensão do Instituto de Geociências (IG); Laboratório de Anatomia Humana e Funcional, ou Museu de Anatomia, e Laboratório Museu de Zoologia, no Instituto de Ciências Biológicas (ICB). No decorrer da pesquisa, em 2017, pelo mesmo programa, encontramos mais três espaços, sendo estes: Laboratório de Demonstrações e Museu de Ciências, Tecnologia e Inovação (ICEN), e o Museu da Educação, localizado no Instituto de Ciências da Educação (ICED). Deste modo, o total passou a ser de oito espaços.

Ainda em 2017, após o encontro de mais espaços, elaboramos um artigo para o III Seminário Brasileiro de Museologia, no qual evidenciamos que os “museus” estão distribuídos em: museu de ciências, centro de ciências e coleção universitária (exceto o Museu da Educação). A investigação se deu depois de notarmos um caráter mais lúdico e de entendimento acessível nos meios informacionais de cada espaço, então, para classificá-los, usamos os conceitos de museu universitário e coleção universitária, acrescentando-se do conceito de centro de ciências.

A partir das pesquisas, encontramos questões relacionadas à administração, políticas institucionais, desconhecimento dos espaços, entre outros. Porém, como ponto de partida, escolhemos centrar em conhecer os museus e coleções do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), por se tratarem de espaços com características diferentes e autodeclarados como “museu”. Desse modo, após a investigação, surgiram as questões problema: Como estes espaços se auto-representam o que realmente são? Há visibilidade dentro da universidade? E o papel da Museologia e dos museólogos nesses espaços?

Realizamos o processo de mapeamento em duas etapas, sendo estas: visita nos institutos da universidade para procura e localização dos espaços, e busca na internet. A coleta de informações, como histórico, também foi feita

³ A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.

através da internet ao coletarmos matérias referente aos museus no portal da UFPA (<https://portal.ufpa.br/>), na páginas dos Institutos detentores e nos seus próprios sites.

2. UFPA e seus espaços

Na Universidade Federal do Pará, encontramos espaços com características de museu de ciências, centro de ciências e coleção, fato constatado após mapeamento, análise empírica dos locais e coleta de dados na internet, de acordo com o exposto anteriormente. A maior parte desses locais foi criada a partir de laboratórios de pesquisa e de ensino, ou através de projetos.

O nosso objetivo é formar um perfil dos museus e de coleções universitárias existentes no Instituto de Ciências Biológicas da UFPA, identificar qual o discurso desses espaços e como eles se denominam, para analisá-los de acordo com os conceitos de museus e de coleções universitários. Antes de apresentar os museus, fomos atrás de informações a respeito do ICB, para conhecer o seu histórico, quando foi criado e onde os museus se configuram dentro da estrutura da unidade.

2.1 Instituto de Ciências Biológicas

O Instituto de Ciências Biológicas, segundo o Regimento da unidade, foi criado através da Resolução n. 630, de 12 de novembro de 2007 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2007). Anteriormente chamava-se de Centro de Ciências Biológicas, o qual foi instituído em 4 de abril de 1978, através do Decreto n. 81.520 que visava o novo Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Pará. O Centro compunha o CEB – Centros de Ensino Básicos e junto a ele integravam-se o Centro de Ciências Exatas e Naturais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Letras e Artes. Esses Centros tinham a função de congregar as “áreas fundamentais de conhecimento humano, visando ao ensino e à pesquisa básicos ou a aplicações subsequentes em função de toda a Universidade” (BRASIL, 1978, p. 2). No mesmo Decreto há os CFP – Centros de Formação Profissionais, visando proporcionar o ensino a formação profissional e aplicação de pesquisa, entre os quais se encontra o Centro de Ciências da Saúde (Ibidem, p. 2-3).

Esses dois Centros, posteriormente transformados em Institutos, caminhavam em conjunto, inicialmente como complementares, pois um dava a base (CEB) e o outro refinava o ensino e aprendizado (CFP). Como veremos mais a frente, o Instituto de Ciências Biológicas e o Instituto de Ciências da Saúde ainda caminham juntos.

No Regimento do ICB encontramos, também, no Capítulo V – Dos Órgãos Complementares,

Art. 36. As Coleções Biológicas (Museu de Zoologia, Museu de Anatomia Humana, Herbário e Orquidário), os Laboratórios Multiuso (Laboratório de Biologia Estrutural, Laboratório de Informática e Sala de Esterilização) e o Biotério constituem unidades complementares do ICB, de formação profissional e de apoio ao ensino, à pesquisa e a extensão (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2007, p. 18, grifo nosso).

Com isso, comprovamos que os museus foram criados e aprovados pela

Congregação do Instituto, como prevê o Regimento, porém, este é o único documento público que encontramos a respeito dos museus e ele não se configura como uma ata de criação, apenas prova que o museu existe e que compõe a estrutura da unidade.

Ainda na página do ICB (<http://www.ufpa.br/icb/>), encontramos os Relatórios Anuais de Atividades de 2011 e 2013 a 2015. Em breve análise, destacamos que: na Apresentação de cada Relatório há menção aos museus; em 2011 houve a inauguração de um novo Prédio de Ensino do ICB para atender as demandas de espaço (INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, 2011, p. 3); em 2013 ocorreu uma reforma no Museu de Zoologia (Idem, 2013, p. 5); em 2014 o Museu de Anatomia passou por uma reforma (Idem, 2014, p. 6); em 2015 houve uma reorganização do espaço pouco utilizado para destinar a mudança e implantação de novos laboratórios e “entrega do novo Museu de Anatomia, reformado, e que hoje atende 11 cursos, aproximadamente 932 alunos por semestre” (Idem, 2015, p. 11-12).

Além das menções destacadas acima, não há mais nada a respeito dos espaços. Ao utilizar a ferramenta de busca pelo termo “museu”, encontramos “Museu de Anatomia” e “Museu de Zoologia” no quadro de técnicos-administrativos nos relatórios de 2011, 2013 e 2014, e “Laboratório de Anatomia Humana (Museu)” nos Relatórios de 2013 e 2014 no tópico de “Órgão Complementares”.

Visto isso, partiremos para a introdução aos museus. Para poder enquadrar as instituições elaboramos um breve histórico, expondo a composição e as atividades realizadas. Por meio de mapeamento, obtivemos como resultado os seguintes locais presentes no ICB:

2.1.1 Museu de Anatomia Humana

O Museu de Anatomia foi reinaugurado em 2016, após diversas reformas e aprimoramentos no Laboratório de Anatomia Humana e Funcional. Com dois espaços expositivos, o Museu inicia o percurso no corredor de entrada (Figura 1) cercado por monitores com vídeos sobre anatomia, fotos e divulgação do Museu Virtual. Seguindo para a sala expositiva, onde vemos, primeiramente, a “múmia” (Figura 2) e depois passamos por vitrines com esqueletos, peças em meio úmido e modelos anatômicos em 3D (Figura 3). As peças da coleção são integradas à tecnologia para difusão da informação⁴.

Além de ser recurso para aulas práticas de vários cursos na área da saúde, o Museu é aberto para escolas e para o público em geral, divulgando e facilitando o entendimento de anatomia. Também possui uma plataforma virtual disponibilizando materiais explicativos e atlas interativo dos sistemas presentes no corpo humano⁵.

Em matéria referente à inauguração do novo museu (ver nota de rodapé número 2), a Coordenadora do museu relatou que:

Quando eu cheguei aqui, me surpreendi com a realidade do lugar, estava fechado, abandonado, era quase um depósito de lixo. Nós não tínhamos facilidade para lecionar nenhuma aula prática. Após

4 Relato durante as apresentações no Grupo de Trabalho de Coleções e Museus Universitários, no III Seminário Brasileiro de Museologia, ocorrido em Belém – PA, nos dias 20 a 24 de novembro de 2017.

5 MUSEU VIRTUAL ANATOMIA HUMANA E FUNCIONAL. Sobre: O Museu. Disponível em: <<http://museuvirtual.wixsite.com/ufpa/em-branco>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

reuniões, assumi a responsabilidade da administração do laboratório. Primeiramente, nós retiramos o lixo, depois, conseguimos recursos para as peças tridimensionais e, finalmente, criamos os projetos, entre eles, o Museu de Anatomia.

O Museu de Anatomia ainda existe devido aos esforços de professores como a Coordenadora do museu, que vão atrás de recursos para não deixar os espaços sem utilização, virando “quase um depósito de lixo”. Os museus universitários precisam de pessoas assim, engajadas e que não se acomodam com a situação precária. A Universidade deve utilizar todos os seus espaços e não deixar que se transformem em depósitos.

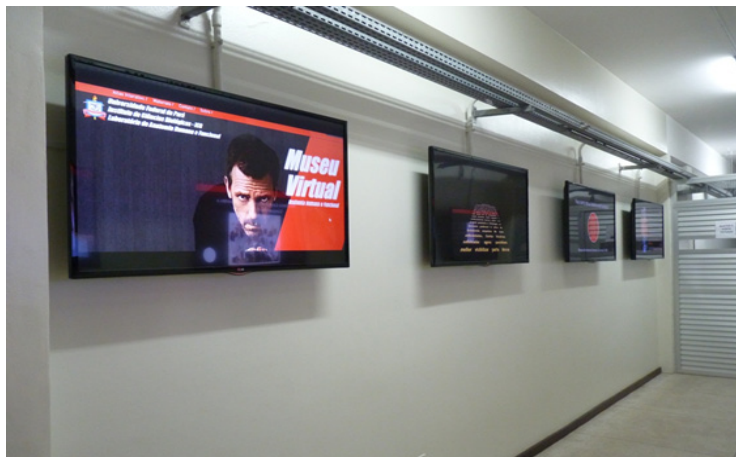


Figura 1 - Museu de Anatomia Humana - Corredor de Entrada
Fonte:Acervo do Autor



Figura 2 - Museu de Anatomia Humana
Fonte:Acervo do Autor



Figura 3 - Museu de Anatomia Humana
Fonte:Acervo do Autor

2.1.2. Museu de Zoologia (MZUFPA)

Criado em 2010, o Museu de Zoologia detém espécimes da fauna, adquiridos a partir de coletas do grupo de zoologia. Até 2012, o Museu possuía cerca de três mil exemplares, os quais são registrados pelo museu e auxiliam no estudo e pesquisa de cursos superiores, inclusive, é possível o empréstimo do material para feiras de ciências, sendo esta a ação de extensão. A exposição e visita⁶ ao acervo não é feita devido à falta de espaço, mas está em vista pelos responsáveis⁷.

A entrada para o museu é constituída de uma porta de madeira (Figura 4) onde se tem a identificação do espaço por meio de uma folha de papel (Figura 5).



Figura 4 – Museu de Zoologia –
Entrada
Fonte:Acervo do Autor

6 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conheça o Museu de Zoologia e Museu Interativo da Física. Disponível em: <<https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=6040>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

7 INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. Laboratórios: Laboratório Museu de Zoologia – MZUFPA. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/icb/sobre/laboratorios/>>. Acesso em: 28 nov. 2016.



Figura 5 – Museu de Zoologia – Identificação
 Fonte: Acervo do Autor

3. Museus e Coleções da UFPA

Após o breve histórico, retomamos as questões: Como estes espaços se enxergam e o que realmente são? Há visibilidade dentro da universidade? E o papel da Museologia e dos museólogos nesses espaços?

3.1. Como estes espaços se auto-representam e o que realmente são

As definições que estabelecemos para museu e coleção universitária foram: museu e coleção universitária são caracterizados por estar em domínio total ou parcial de uma universidade, sendo esta responsável pela salvaguarda, espaço e pessoal; e podem ser formados de diferentes maneiras, como “aquisição de objetos ou coleções de particulares por doação ou compra, pela transferência de um museu já formado para responsabilidade da universidade, pela coleta e pesquisa de campo e pela combinação desses processos” (Almeida, 2001: 10-13). A diferença dá-se pela comunicação, enquanto o museu divulga e expõe as peças, a coleção não a faz (Marques; Silva, 2011).

Conforme vimos, ambos os espaços levam a denominação de “museu” e são oriundos de laboratórios de pesquisa, possuem as suas coleções com formações distintas – o Museu de Zoologia obteve os seus componentes através de coleta de campo, já o Museu de Anatomia, segundo uma fala da Coordenadora, encontrada na matéria “UFPA inaugura Museu de Anatomia Humana Funcional”, conseguiram-se verbas para aquisição de modelos, então parte da coleção do Museu de Anatomia é formado através de aquisição – mas que se aproxima do conceito proposto por Almeida (2001).

Sendo assim, a diferença entre os museus seria o exercício, ou não, da comunicação. Porém, seria essa comunicação uma comunicação museológica?

Segundo Cury (2005: 60), por muito tempo, considerou-se que a comunicação no museu se dava no ato de expor, e isto ainda se mostra como uma concepção presente. A autora aborda dois modelos comunicacionais: o modelo condutivista e o de interação. No modelo condutivista, emprega-se a transmissão linear, no qual o transmissor envia a informação e o receptor a recebe. No campo museológico, o transmissor configura-se como o museu/exposição, a informação é transmitida através dos objetos, e o receptor é o visitante que a

recebe e compreende (Cury, 2005: 61).

Em 1970, por meio dos estudos culturais, os pesquisadores perceberam que os receptores se mostravam passíveis de interpretações e “ativamente engajados nos processos comunicacionais”, mas esse entendimento tardou a alcançar os museus (Cury, 2005: 69). A partir dessa época, os museus norte-americanos e, em seguida, os ingleses inovaram ao dar destaque para o tema/ ideia do museu em vez do objeto em exposição, proporcionando privilégio ao “público como sujeito da interpretação” e marcando a mudança de redirecionamento da “visita para a experiência do visitante” (Cury, 2005: 69).

No início da década de 1990, há uma mudança no sistema comunicacional, passando-se para o modelo circular (Cury, 2005: 73). Nele, incorpora-se ao emissor-receptor a “interpretação como forma de participação do público”. “Para ele, a interpretação é decorrente da dinâmica de recodificação e de decodificação. O comunicador interpreta o código científico, recodifica-o para o público, que, por sua vez, decodifica-o e o interpreta” (Cury, 2005: 71). Apesar de se mostrar mais compreensível, o modelo circular ainda se demonstra fechado nas intenções do museu, dando a ele – emissor – o posto de supremacia, porém, o qual já aceita o público como interpretador, negociando e se ajustando ao visitante (Cury, 2005: 71).

O modelo de comunicação museológica em ascensão é oriundo do campo da comunicação, segundo Cury (2005: 77), o chamado modelo cultural foi estruturado por Eileen Hooper-Greenhill, nos meados da década de 1990 e denominado de modelo cultural. No Brasil, o mesmo modelo recebeu o nome de modelo da interação (Cury, 1999 apud Cury, 2005: 78), pois rompe com a linearidade do emissor-receptor, “ao rever os seus papéis no processo de comunicação” (Cury, 2005: 78). A interação permite o encontro entre as instituições museais com o público, configurando essa interação como dialógica, “porque é o espaço de construção de valores, e o emissor e o receptor situam-se em relação a esses valores” (Cury, 2005: 78). Por Dialogia, Cury (Cury, 2005: 79) conceitua que

diz respeito à produção e às trocas simbólicas, sendo que a comunicação constitui-se de uma rede complexa de germinação de informações, negociação e consumo, e na qual prevalece o valor simbólico sobre os de uso e troca. É a comunicação de sentidos.

O modelo emergente de comunicação, nos museus, reconhece “o direito à (re)significação da cultura” e que “com isto (re)significa a si mesmo” (Cury, 2007: 75). A mudança de foco da mensagem para a interação alarga o espectro do processo comunicacional, “pois a dinâmica da (re)significação, no museu, é necessariamente mediada pelo cotidiano do público, além de outras mediações determinadas pelo contexto museal” (Cury, 2007: 75), isto faz com que não exista sobreposição entre emissor e receptor, e vice-versa. Desse modo, “o sentido maior do processo comunicacional está na circulação da significação e, para o museu, a apreensão social dos discursos museológicos efetivar-se-ia na circulação da significação” (Cury, 2007: 75).

Nos museus universitários do ICB, podemos fazer a comparação sobre o tipo de comunicação que existe em cada espaço. Admitimos que, no Museu de Zoologia, a comunicação da coleção não ocorre, haja vista que não há espaço físico disponível. Por outro lado, os processos de comunicação do Museu de Anatomia se mostram favoráveis ao modelo circular, pois há a recodificação do conteúdo científico, mas o museu ainda se mostra como supremo. Porém,

a maior parte das informações está presente no corredor de entrada, onde se localizam os monitores (ver Figura 1), neles, são exibidos vídeos introdutórios ao museu e é mostrada a plataforma do Museu Virtual. Na área expositiva, não há muita informação a respeito das peças, são poucas as etiquetas/legendas e de texto explicativo há somente um.

Baseado em Guarnieri (1981: 125), o museu, como local do fato museal – relação intrínseca do homem com o objeto (Guarnieri, 1981: 123) – afirma-se como uma instituição museal ao realizar a musealização, a qual se pode dar ao fazer a retirada dos objetos de seu contexto original – e que, nesse cenário, faz-se presente; acrescentando a isso a realização de “pesquisas prévias, na seleção dos objetos, na documentação [...]” (Guarnieri, 1981: 125). Conforme atesta Brulon (2015a: 26; 2016: 108), o objeto, que passa a ser musealizado, adquire novos significados e valores, ele deixa de ser “utilitário” e passa a ser “interpretativo”, modificando “[...] os seus modos de se relacionar com os outros objetos e com os seres humanos que lhe dão sentido” (Brulon, 2016: 108). O autor aponta que, nos museus tradicionais, ao se fixar os objetos, estes “são momentaneamente solidificados, [...], assentados sobre um quadro específico de significações” (Brulon, 2015a: 30); porém, nas últimas décadas, essa concepção entrou em reforma.

Historicamente, o processo de musealização foi definido como uma “necessidade humana de transmissão da cultura [...]” (Brulon, 2015b: 44). Brulon, em um de seus estudos, indica que a musealização possui quatro características fundamentais, sendo: permanência; comunicação como objetivo, transmissão; produção de conhecimento científico; e “o fato de ser um ato inegavelmente ideológico [...]”. Esta última é explicada como sendo “[...] a representação de uma dada identidade e promovendo a disseminação da representatividade de certos referenciais em uma cultura dada” (Brulon, 2015b: 54). Nesse contexto histórico, o valor dos objetos e das coleções era firmado somente com uma documentação em cima deles, esse documento era o que possibilitava a comunicação entre os objetos e as coleções com o público, era ele que lhes conferia o estatuto de “evidência”.

As mudanças ocorridas no cenário da atribuição de significados e de valores aos objetos presentes em museus deram-se a partir de duas correntes: uma na arte contemporânea e outra com o advento dos ecomuseus (Brulon, 2015a: 26; 2016: 108). No campo da arte, foi dado um caráter relativo aos objetos; enquanto, no campo do ecomuseu, conferiu-se um caráter dual aos objetos, permitindo-lhe transitar entre os dois mundos – o museal e o original (Brulon, 2015a: 30; 2016, 110). Essas mudanças incitaram a criação do “objeto-devir”, o qual Bruno Brulon (2015a: 32; 2016: 111) conceitua como a canalização das relações sociais que moldam a existência do objeto, e não ele em si. O museu “consagra” o objeto ao realizar a prática da musealização, pois o sanciona e o santifica (Bourdieu, 2009: 123 apud Brulon, 2015a: 35) num determinado estado; porém, a consagração não restringe, “[...] ela liberta o objeto das classificações tradicionais para torná-lo disponível às múltiplas interpretações do museu e de seu público” (Brulon, 2015a: 35). Com isso, o autor complementa que o destaque vai para a documentação museológica, pois fica ao seu cargo o registro de “todos os estados do objeto e as relações estabelecidas em sua biografia” (Brulon, 2015a: 35; 2016: 114).

Podemos dizer que a musealização ocorre no Museu de Anatomia, pois percebemos a presença de algumas das citadas “características fundamentais da musealização”, como a preocupação com a permanência, a transmissão e a pro-

dução do conhecimento científico, visto que as peças ainda são usadas em aulas. A musealização também se faz evidente através da documentação, uma vez que há a existência de etiquetas com identificação, de textos explicativos e de uma preocupação com a construção expositiva. Para Cury (1999: 50-55 apud Brulon, 2008: 126), a musealização corresponde ao processo total, desde a aquisição até a comunicação, para a autora “[...] o processo de musealização englobaria e, ao mesmo tempo, concluir-se-ia, na comunicação museológica.” A musealização promove não somente a comunicação museológica, como também a valorização dos objetos (Guarnieri, 1981: 125).

Cury (2005: 70) atenta, também, que a comunicação, no museu, dá-se pela exposição e ação educativa, mas que isso não se configura como regra. Podemos identificar, como uma ação educativa do Museu de Anatomia, a visita guiada a grupos escolares. Assim, podemos concluir que o Museu de Anatomia pode se associar ao campo de museu universitário, enquanto o Museu de Zoologia se caracteriza como uma coleção universitária.

Ressalvamos que a distribuição dos museus em museu e coleção universitários foi feita por meio de investigação empírica e que não pretendemos impor essa classificação para os espaços.

3.2 Ha visibilidade dentro da Universidade?

Apesar de existir um número considerável de espaços, não há tanto conhecimento sobre eles no campus. Percebemos, durante o mapeamento, ao perguntar, nas secretarias, se havia algum espaço museológico e recebendo respostas como: “não”, “não sei”, ou “museus são aqueles históricos, certo?”, o que atesta o desconhecimento de boa parte da comunidade.

Além do mais, através do Portal da UFPA, fizemos um levantamento das matérias referentes aos museus. Por meio de pesquisa do termo “museu” no buscador do site foram disponibilizadas um total de 10 páginas com diversas matérias, destas, foram selecionadas 11 matérias referentes aos museus presentes no campus universitário e 45 fazendo referência ao Museu da UFPA. A busca mostrou reportagens que vão desde 2009 a 2016. Apenas com esses dados pode-se notar que a Universidade “vê” os seus museus raramente, ou quando fala sobre eles acaba anunciando a instituição em si, não o museu propriamente. Infelizmente essa falta de visão coloca os museus, querendo ou não, nas margens. Essa carência está presente tanto nos institutos detentores, como na UFPA (SANTOS; COSTA, 2016).

Somando-se a isso, consultamos o banco de dados do Comitê Internacional para Acervos e Museus Universitários (UMAC), subcomitê do Conselho Internacional de Museus (ICOM). O UMAC é o comitê internacional para museus e coleções universitárias, também é o fórum internacional para todos que trabalham, ou são associados a museus acadêmicos, galerias e coleções. Sua missão é de contribuir para a sociedade em benefício de todos, ao sustentar o desenvolvimento contínuo dos museus e coleções universitários como recurso essencial e devoto à pesquisa, à educação e à preservação do patrimônio cultural, histórico, natural e científico⁸.

E a publicação “Guia dos Museus Brasileiros” (2011) do Cadastro Nacional de Museus (CNM), uma plataforma criada em 2006 pelo Sistema Brasileiro de Museus (SBM). A publicação veio com o propósito de conceder à população

8 UNIVERSITY MUSEUS AND COLLECTIONS. What is UMAC?. Disponível em: <<http://umac.icom.museum/about-umac/what-is-umac/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

uma obra que “indicasse as direções, e que, ao mesmo tempo, fosse capaz de oferecer informações fundamentais sobre as práticas e os serviços dos museus brasileiros”. Os dados apresentados, no livro, são oriundos das coletas realizadas pelo CNM durante cinco anos, de 2006 a 2011⁹.

Como parâmetro, usamos as pesquisas de Almeida (2001) e Marques e Silva (2011). Em sua pesquisa, Almeida (2001) encontrou 129 museus universitários no Brasil. Após uma década, Marques e Silva (2011) identificaram, através do CNM, 162 museus universitários brasileiros. Desses últimos, a região Norte representa 5% do total, dentre o qual pertencente ao campus Belém da UFPA, apenas consta o Museu de Geociências, além do Museu da UFPA (MUFGPA) – este último não se encontra no Campus universitário, mas sim, em um prédio no centro da cidade. Em busca no banco de dados do UMAC, há somente o MUFGPA – identificado como “Museu da Universidade” – e o Centro de Ciências e o Planetário do Pará, referente à Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Em nova consulta, buscamos pelos museus universitários na plataforma MuseusBr, da Rede Nacional de Identificação de Museus (RENIM). O MuseusBr é uma atualização da antiga plataforma do Cadastro Nacional de Museus (CNM), iniciada no final de 2015, através do anseio de melhorias partidas do CNM. Então, o MuseusBr vem como uma plataforma “colaborativa e democrática, permitindo a todos uma participação direta na confecção de cartografias, no fornecimento de informações e na produção de conhecimento sobre os museus do Brasil”¹⁰.

Na consulta, identificamos que a situação não mudou, ainda constam somente o Museu de Geociências e o Museu da UFPA. Apesar de ser colaborativa, permitindo que o público sugira o cadastro de novas instituições, o cenário mostra-se o mesmo. Talvez por falta de conhecimento ou pouca divulgação.

Além disso, há o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), documento que identifica a missão da instituição, sua organização, atividades de atuação e que se pretendem cumprir (PDI 2016-2025, 2017, p. 17). Em 2016, buscamos onde os museus da UFPA estavam inseridos dentro do PDI, como resposta, constatamos que havia apenas uma menção aos espaços no tópico “10.3 Organização Estudantil (Espaço para Participação e Convivência Estudantil)”,

[...] visando propiciar melhor convivência para a comunidade acadêmica, tem destinado alguns espaços específicos, tanto na capital, quanto interior, nos quais são desenvolvidas ações de cultura e lazer. Destacam-se, dentre esses espaços, o Vadião, muito utilizado para integração, cultura e lazer, a Capela Universitária, o Centro de Convenções com capacidade para mil pessoas, o ginásio de esporte, o complexo esportivo, os museus, [...] (PDI 2011-2015/UFPA, 2010, p. 176, grifo nosso).

Constatamos, também, que a inserção dos museus em Organização Estudantil permaneceu no PDI 2016-2025. O que mudou foi o tópico dos Órgãos Suplementares, onde está incluído o Museu da UFPA – externo ao campus universitário. No PDI 2011-2015, consta:

9 INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Guia dos Museus Brasileiros. Brasília, Instituto de Museus Brasileiros, 2011, p. 13.

10 MUSEUSBR – REDE NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO DE MUSEUS. Histórico. Disponível em: <<http://renim.museus.gov.br/museusbr/historico/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

Os Órgãos Suplementares da UFPA são unidades de natureza técnica, voltadas ao desenvolvimento de serviços especiais, com estrutura administrativa própria, podendo colaborar em programas de pesquisa, de extensão e de qualificação profissional das Unidades Acadêmicas. Na estrutura universitária, os órgãos suplementares existem também como instrumentos de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão e atuam dando suporte às atividades acadêmicas regulares (PDI 2011-2015/UFPA, 2010, p. 105, grifo nosso).

E é seguido pela lista de unidades que compõem essa categoria, como Biblioteca da UFPA, Editora Universitária e Gráfica da UFPA, entre outros. Porém, no PDI consecutivo, foi acrescida a finalidade de cada unidade; assim, o MUFPA:

É um órgão suplementar responsável pela conservação, manutenção e difusão dos acervos de arte da UFPA, ficando a cargo desta unidade as realizações de eventos culturais de exposições e disponibilização de material de pesquisa em artes visuais e fotografia, que se encontra à disposição na biblioteca e no laboratório de fotografia. (PDI 2016-2025, 2017, p. 118, grifo nosso).

Vemos que, institucionalmente, os museus universitários da UFPA são caracterizados como espaços para cultura e lazer, ao colocarem no tópico de Organização Estudantil. Enquanto isso, o Museu da UFPA ocupa o lugar nos Órgãos Suplementares.

O Museu da UFPA foi criado na década de 1980, “para identificar, difundir, preservar e valorizar a produção artística regional e nacional”¹¹. Está localizado no Palacete Montenegro, no bairro de Nazaré, em Belém. Originalmente, foi residência do político Augusto Montenegro, e teve a sua construção na época do ciclo da borracha. O prédio foi adquirido pela UFPA nos anos 1960, para abrigar a Reitoria. Com a mudança da Reitoria para o campus universitário, nos anos 1980, o prédio foi destinado para ser o Museu da UFPA. O museu conta com espaço para exposição, biblioteca, reserva técnica, laboratório fotográfico, além de setor de restauro e o jardim, que é utilizado para eventos e feiras.

Como exposto anteriormente, no Regimento do ICB, os museus estão inseridos como Órgãos Complementares, os quais são unidades “de formação profissional e de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão” (Universidade Federal do Pará, 2007: 18). A destinação feita, no Regimento, assemelha-se a duas partes do conceito de Órgão Suplementar do Plano de Desenvolvimento Institucional, sendo: 1 – “podendo colaborar em programas de pesquisa, de extensão e de qualificação profissional das Unidades Acadêmicas”; 2 – “os órgãos suplementares existem também como instrumentos de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão e atuam dando suporte às atividades acadêmicas regulares” (PDI 2011-2015/UFPA, 2010: 105). Um ponto, porém, pode ser o distanciador para o reconhecimento dos museus universitários como Suplementares: “estrutura administrativa própria”. Destaco esse, pois para “natureza técnica”, em pesquisa rápida, o que se encontra a respeito é sobre cargos de natureza técnica ou científica, quando o científico reporta-se ao cientista/pesquisador, e o técnico é para

11 MUSEU DA UFPA. Histórico do Museu da UFPA. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/museufpa/index.php?link=2>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

admissão de cargos com titulação de nível superior ou nível médio-técnico¹².

Marques e Silva (2011), ao investigarem o reflexo das políticas universitárias nos museus da UFBA, levantaram duas hipóteses iniciais: os problemas suscitados “são reflexos das políticas universitárias e da falta de normatização”, e que a indefinição do papel dos museus universitários na universidade e na sociedade são uma mistura do reflexo das políticas e das opiniões de responsáveis pelos museus. Segundo as autoras, a Universidade Federal da Bahia reconhece três museus universitários como Órgãos Complementares, que são: Museu de Arte Sacra – MAS, Museu Afrobrasileiro – MAFRO e Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE. Os museus foram instituídos em épocas diferentes e são os que compõem o campo dos museus institucionalizados (Marques; Silva, 2011: 71). Entretanto, existem outros espaços que se auto-intitulam museu e não estão institucionalizados como órgãos da universidade, Marques e Silva (2011: 71-72) utilizam-se dessa constatação para afirmar que esse “é um exemplo da falta de normatização para a fundação, reconhecimento e vinculação dos museus na universidade”.

Outro ponto realçado é que a criação de museus universitários pode atuar para a difusão da ciência, cultura e tecnologia por meio de atividades/ações e exposições, porém para isso seja efetivo, é dito que

Para que os museus universitários atendam às expectativas da comunidade universitária e/ou da comunidade local é importante que as universidades definam claramente o papel dos museus que estão sob a sua ingerência e que estabeleça uma política específica de museus, com normatizações para a criação de espaços deste tipo dentro da Universidade (MARQUES; SILVA, 2011, p. 70).

Ubirajara Martins (1988, p. 624), ao falar sobre as coleções de zoologia, destaca que no Brasil a maioria das coleções zoológicas presentes em universidades estão em nível de Departamentos. Chama atenção, também, para a parte administrativa onde os museus se mostram mais ágeis na escolha de decisões, já que o processo se dá entre diretor do museu-reitoria; nos departamentos, a escala hierárquica é muito superior, levando a demora para obtenção dos anseios (Ibidem, p. 626).

No caso dos museus da UFPA situados no ICB, inclusive os outros de que se tem conhecimento, a relação departamental se aproxima da relação museu-instituto, pois eles são unidades subordinadas aos institutos – quando reconhecidos pelos mesmos. Questões como repasse ou aquisição de verbas se figura como a de Departamento, devido às burocracias.

Marques e Silva (2011, p. 78) defendem que os museus deveriam ter suas próprias destinações de docentes, técnicos e administrativo para execução das atividades, e que “é necessário que estes espaços recebam um orçamento mínimo para a manutenção do espaço e a salvaguarda do acervo”. Enfatizam que

É importante que a universidade conheça e avalie todos os espaços que se auto-intitulam museu a luz de uma normatização para a instituição dos mesmos dentro da universidade. Esta medida garantirá uma melhoria dos espaços e um maior controle da universidade sobre as informações que são atreladas a ela. (MARQUES; SILVA, 2011, p. 83).

12 CARTAXO, Alberto. Acumulação de cargos: conceito de cargo de natureza técnica ou científica. Disponível em: <<https://www.direitoamplo.com.br/2017/09/29/acumula%C3%A7%C3%A3o-de-cargos-natureza-t%C3%A9cnica-ou-cient%C3%ADfica/>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

Waldisa Guarnieri (1981, p. 125) diz que os museus são caracterizados pela intenção de sua criação e pelo reconhecimento público, sendo esse o maior possível, de que é realmente um museu, “uma autêntica instituição”. É necessário que a UFPA veja os espaços que existem dentro dela para que eles se efetivem nas atividades que já realizam e melhorem-nas. É preciso, também, que os próprios museus tomem conhecimento um dos outros para se tornarem um conjunto, e reivindicarem o que lhes é merecido.

3.3.E o papel da Museologia e dos museólogos nesses espaços?

Segundo Waldisa Rússio Guarnieri (1979, p. 78),

A Museologia é a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade; é, também, a ciência que estuda a relação entre o Homem e o Objeto, ou Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento.

A Museologia tem como objeto de estudo o fato “museal”, ou fato museológico, que é “a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir”, essa relação também supõe “que o homem admira o objeto” (GUARNIERI, 1981, p. 123). O espaço físico do museu, na relação entre homem e objeto, se configura como agente da troca museológica. O homem, ao tomar “consciência do objeto enquanto parte do mundo natural”, conceitualiza e o agrega ao mundo intelectual, “internalizando-o” (Ibidem, p. 124).

Guarnieri (1981, p. 124) considera que “esta relação profunda entre homem e objeto (objeto, ideia, criação) que constitui o fato ‘museal’ [...], se estabelece no recinto institucionalizado do museu” e que essa concepção de instituição é vantajosa, pois se encaixa tanto para o pequeno museu como para o grande museu, museu tradicional, incluindo, também, o ecomuseu. Para que o fato museal se confirme é necessário exercer a “musealização”, a qual pode ser feita a partir da retirada do objeto de seu contexto original ou colocando-o “in situ” (Ibidem, p. 125). A musealização opera em objetos materiais e em “objetos-conceito” – imaterial – e que possuam relevância testemunhal, documental e de autenticidade. O objeto se configura como documento quando está relacionado com os domínios de conhecimento do museu, ou seja, “as perspectivas através das quais são estudados o homem e seu ambiente” (Idem).

A autora destaca que a musealização não ocasiona somente a comunicação museológica, ela vem como uma valorização, ênfase sobre os objetos. Esta ação “repousa em pesquisas prévias na seleção dos objetos na documentação, na direção, na administração, conservação, e eventualmente na restauração” e por abranger ações distintas, é preciso ter domínio de conhecimentos científicos variados (GUARNIERI, 1981, p. 125).

Maria Cristina Bruno (2007, p. 147 apud Cury, 2009, p. 35) diz que

O processo de musealização aproxima a museografia e a museologia porque descreve (o quê), especifica (para quem) e analisa (como) o processo no qual a sociedade atribui o status patrimonial a determinados objetos e preserva-os para distintos usos.

Sobre a museografia, Guarnieri (1979, p. 78) evidencia que os termos de Museografia e Museologia foram usados erroneamente, pois lhes davam signi-

ficados semelhantes, como se fossem sinônimos, isso gerou uma aceitação da Museologia como uma técnica, porém a autora explica que

Na realidade, a Museologia nasce com a Museografia para, aos poucos, vencer a gradação que separa o grafo do logos. Assim, de início temos efetivamente a Museografia, mera descrição do fato museológico e soma de conhecimentos práticos servindo à finalidade de montagem de exposições e apresentação de objetos. Porém, gradativamente, à medida que se desenvolvem os próprios museus, a Museografia vai se constituindo em aspecto de uma ciência em construção, a Museologia.

A Museologia evolui em consonância com as evoluções dos museus e seu conceito (GUARNIERI, 1979, p. 78) e, de acordo com Cury (2007, p. 79), acredita-se que o conceito de museu é mutante. Dessa forma a Museologia e os museus estão em mudança constantemente.

Waldisa Guarnieri (1989, p. 246) descreve que a primeira vez que a palavra “museologia” foi usada para descrever a “atividade museal” ocorreu somente em 1955, na Itália. Segundo a mesma, o termo “museu” por muitos anos foi inutilizado devido ao desastre de Alexandria, no século I a.C., voltando a ser usado somente com a abertura do Louvre, no século XVIII, nesse meio tempo surgiram os gabinetes de curiosidades/raridades, galerias etc.

Guarnieri (1989: 244) explana que, em várias partes do mundo, a atividade museal é “vista como elenco de atribuições de uma profissão específica, reconhecida; em outras regiões, entretanto, e quase que em geral, sofre e acompanha os reflexos do subdesenvolvimento na área cultural”. Inclui que, no Brasil, por ser um país em desenvolvimento, a execução da profissão possui um “caráter corporativista, sem estabelecer instrumentos eficazes de defesa e, sobretudo, sem o lastro do reconhecimento social” (Guarnieri, 1989: 245).

Assim, a prática museal, formalmente institucionalizada, mas não necessariamente reconhecida pelo contexto social, nem sequer se reveste de suficiente conhecimento empírico que, a existir, ainda assim – diante de uma análise mais exigente – colocaria o exercício profissional num terreno frágil e discutível (Guarnieri, 1989: 245).

À época de Waldisa Guarnieri, nas décadas de 1970 e 1990, ainda havia um espanto em relação ao Museólogo, principalmente por aqueles que ainda praticavam as atividades concernentes ao museólogo (s. d.: 237). O termo “museólogo” estava em afirmação, sobrepondo as denominações de Conservador e de Curador para o profissional de museus. Essa terminologia tem relação com as excessivas “mudanças sofridas pela sociedade, pela Ciência Museológica e pelo principal espaço específico, a instituição museal” (Guarnieri, s. d.: 237).

Em 18 de dezembro de 1984, foi aprovada a Lei n. 7.287, que regulamenta a profissão de museólogo. Nela, são considerados museólogos aqueles que possuírem títulos de Bacharelado, Licenciatura Plena, Mestrado ou Doutorado em Museologia (COFEM-Brasil, 1984: 305). O Art. 3º. – São atribuições da profissão de Museólogo conta com 14 itens, algumas das atribuições são: ensinar a matéria Museologia; planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições e os serviços educativos; executar todas as atividades concernentes ao funcionamento dos museus; solicitar o tombamento de bens culturais; prestar serviços de consultoria e assessoria na área de museologia; orientar a realização de seminários, colóquios, concursos, entre outros (CO-

FEM-Brasil, 1984: 306). Além de outras regulamentações.

Gonçalves e Ballardo (2013: 64) indagam “como pensar num ambiente de trabalho sem o profissional qualificado para o desempenho da função? Como imaginar um hospital sem médicos?”, concluindo que, da mesma maneira, é impossível pensar numa instituição museológica sem o profissional adequado e qualificado para assegurar a preservação do patrimônio. Chamam atenção para o “curador” que é um especialista em determinada tipologia de acervo e “não possuem o estudo técnico para gerir e/ou trabalhar na rotina funcional de uma instituição museal” (Gonçalves; Ballardo, 2013: 64-65). As autoras sinalizam que é necessária a conscientização da incorporação de museólogos, provendo a contratação de serviços museológicos, como consultoria, para o desempenho mais adequado da instituição (Gonçalves; Ballardo, 2013: 65). “[...] os museus são compreendidos como dispositivos estratégicos de aprimoramento dos processos democráticos, de inclusão sociocultural, de educação e de desenvolvimento” (Gonçalves; Ballardo, 2013: 69), essa sentença se encaixa tanto para um museu quanto para o contexto do museu universitário.

É importante que os espaços museais tenham museólogos, ou contratem seu trabalho técnico, mais importante ainda é que os tenha atuando em suas competências sem impedimentos e barreiras, sem dificuldades e obstruções. Apenas dessa maneira ficará evidente a importância do profissional museólogo nas instituições de cunho museal (Idem).

A Museologia, ao fazer o estudo do homem, objeto, da natureza e da vida, faz com que o método a ser utilizado seja basicamente interdisciplinar, pois necessita de domínios científicos variados (Guarnieri, 1981: 125). Desse modo, os profissionais que advêm dessa ciência, estão aptos a trabalhar nas mais diversas coleções e instituições, exercendo o diálogo através da comunicação museológica.

De acordo com Bruno (1992: 30), os museus universitários constituem-se como cenários ideais para a experimentação teórico-metodológica da museologia, pois possuem coleções nas quais é possível exercer atividades curatoriais, salvaguarda (conservação e documentação) e “comunicação do conhecimento através da exposição, atividades pedagógicas e de ação cultural”.

São necessários o reconhecimento e a admissão do museólogo, ainda mais na Universidade Federal do Pará, possuidora do curso de Museologia e detentora de vários museus e coleções. Assim, será possível que os espaços se desenvolvam plenamente, além de contribuir para a formação e exercício da ação museológica.

Considerações Finais

Os museus universitários existentes na UFPA se mostram diversos em temas e em relação aos institutos onde estão localizados, conforme comprovamos durante o mapeamento. Pelos museus autodenominados do ICB, pudemos ver que, pelo menos, o instituto reconhece esses espaços ao fazer a inserção no Regimento e proporcionar melhorias, como as reformas que foram realizadas. A reinauguração do Museu de Anatomia foi um grande avanço para os museus universitários da UFPA, a finalização de um projeto desse tipo necessita de persistência, pois, lembrando a fala de Martins (1988: 626), a hierarquia de cargos

dificulta o processo de tomada de decisões, sem falar da burocracia.

A falta de funcionários, de espaço e de verbas pode ocasionar a transformação das coleções em depósitos ou, até mesmo, que sejam jogadas fora por estar ocupando espaço. A situação relatada, na descrição do Museu de Anatomia, não é uma exceção. No III Seminário Brasileiro de Museologia, durante o Grupo de Trabalho de Coleções e Museus Universitários, foi relatado o caso de uma coleção na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que estava encaixotada e guardada embaixo de uma escada (informação verbal)¹³.

Casos como esse ocorrem quando uma coleção se torna pessoal, ou seja, predominantemente, uma pessoa específica é responsável pela coleção, geralmente, a mesma que a formou; ao falecer, ser afastado etc., não tem para quem passar e, por descaso ou desinteresse, a coleção é descontinuada (Marques; Silva, 2011).

Esse trabalho caminha para a aproximação do Curso de Museologia da UFPA para com os museus universitários do campus. São necessários o conhecimento e a experiência mútua, além do mais, a Museologia é um campo interdisciplinar, e isso caracteriza as suas ações (Guarnieri, 1981: 126). Tanto os museus de ciências biológicas quanto os de ciências naturais e exatas, da educação, enfim, onde existir um espaço que se caracterize como museu na universidade, é um lócus para o exercício da Museologia.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?*, 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. doi:10.11606/T.27.2001.tde-10092003-160231. Acesso em: 24 nov. 2016.

BRASIL. Decreto n. 81.520, de 4 de abril de 1978. Aprova o novo plano de Reestruturação da Universidade Federal do Pará. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-81520-4-abril-1978-430671-planodereestruturacao-pe.doc>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BRASIL. Lei n. 3.191, de 2 de julho de 1957. Cria a Universidade do Pará e dá outras providências. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 2 jul. 1957. Seção 1, p. 1. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2810468/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-02-07-1957>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

BRULON, Bruno. Caminhos modernos da musealização: a fabricação de musealia no Ocidente. *Revista Tempo Amazônico*, Macapá, v. 3, n. 1, p.42-61, 2015b. Disponível em: <https://www.ap.anpuh.org/download/download?ID_DOWNLOAD=1790>. Acesso em: 25 out. 2018.

_____. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 25, n. 1, p.25-37, 2015a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/025/13282>>. Acesso em: 25 out. 2018.

_____. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. *Transformação*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 107-114, abr. 2016 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862016000100107&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2318->

¹³ Relato durante as apresentações no Grupo de Trabalho de Coleções e Museus Universitários, no III Seminário Brasileiro de Museologia, ocorrido em Belém – PA, nos dias 20 a 24 de novembro de 2017.

08892016002800009.

_____. Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo. 2008. 181 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/721182/Quando_o_Museu_abre_portas_e_janelas_o_reencontro_com_o_humano_no_museu_contempor%C3%A2neo._Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_mestrado>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRUNO, Cristina. MUSEOLOGIA: ALGUMAS IDÉIAS PARA A SUA ORGANIZAÇÃO DISCIPLINAR. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 9, n. 9, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/291>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. Museus universitários hoje. Ciências em Museus, Belém, v. 4, p. 27-33, 1992.

COFEM, BRASIL, COFEM. LEI NO. 7.287, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1984, DISPÕE SOBRE A REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE MUSEÓLOGO, COFEM- BRASIL. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 15, n. 15, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/348>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. Revista CPC, São Paulo, n. 3, p. 69-90, apr. 2007. ISSN 1980-4466. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15598>>. Acesso em: 16 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i3p69-90>.

_____. Comunicação museológica – Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Marilia_Cury/publication/259866616_Comunicacao_Museologica_Uma_Perspectiva_Teorica_e_Metodologica_de_Recepcao/links/0c96052e38f99eb32a000000/Comunicacao-Museologica-Uma-Perspectiva-Teorica-e-Metodologica-de-Recepcao.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

_____, Museologia, novas tendências. In: GRANATO, M; SANTOS, C.P.; LOURENÇO, M.L.N.M. (Org.). MAST Colloquia – Museus e Museologia: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2009, v. 11, p. 25-41.

GONÇALVES, Elane Santos; BALLARDO, Luciana Oliveira Messeder. Reflexões sobre a importância do profissional museólogo após a criação da Política Nacional de Museus. Revista LEPA – Textos de Arqueologia e Patrimônio, Santa Maria-RS, vol. 1, jul 2013/jun 2014, 2013, p. 63-70.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010, v. 1, p. 123-126.

_____. Museologia e museu (1979). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010, v. 1, p. 78-85.

_____. Museu, Museologia, museólogos e formação (1989). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010, v. 1, p. 243-252.

_____, Quem são e o que são os museólogos? (s/d). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010, v. 1, p. 237-242.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. Relatório Anual de Atividades – ICB – 2011. Disponível em: <www.ufpa.br/icb/data/anexo/RELATORIO%20ANUAL%20ICB%202011>. Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. Relatório Anual de Atividades – ICB/UFPA 2013. Disponível em: <www.ufpa.br/icb/data/anexo/RELATORIO%20ANUAL%20ICB%202013>. Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. Relatório Anual de Atividades – ICB/UFPA 2014. Disponível em: <www.ufpa.br/icb/data/anexo/RELATORIO%20ANUAL%20ICB%202014>. Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. Relatório Anual de Atividades 2015. Disponível em: <www.ufpa.br/icb/data/anexo/RELATORIO%20ANUAL%20ICB%202015>. Acesso em: 12 jan. 2018.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. ICOM – Statutes: As amended and adopted by the Extraordinary General Assembly on 9th June 2017 (Paris, France). Paris, 2017. Disponível em: <<http://icom.museum/the-organisation/icom-statutes/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MARQUES, Roberta Smania. Os museus da Universidade Federal da Bahia enquanto espaços de ensino não-formal. 2007. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Física: programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15804>>. Acesso em: 5 out. 2017.

MARQUES, Roberta Smania; SILVA, Rejâne Maria Lira da. O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA. *Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2011, p. 63-84.

MARTINS, Ubirajara. Museus universitários. *Rev. Bras. Zool.*, Curitiba, v. 5, n. 4, p. 623-627, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81751988000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81751988000400013>.

SANTOS, Manuela Soutello Mendes da Fonseca; COSTA, Sue Anne Regina Ferreira da. Relatório PIBIPA/2016: Teoria e Prática Museológica nos Museus de Ciências da UFPA. 2016. Documento interno.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Plano de Desenvolvimento Institucional 2011-2015 da UFPA. Disponível em: <http://www.proplan.ufpa.br/doc/pdi/PDI_2011-2015.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

_____. Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2025. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/images/docs/PDI_2016-2025.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. Resolução n. 630, de 12 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.ufpa.br/icb/data/anexo/documento_regimento_interno_icb.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Resolução n. 3.843 de 19 de março de 2009. Disponível em: <http://www.ica.ufpa.br/images/download/cursosdegraduaao/res_cursomuseologia.PDF>. Acesso em: 23 ago. 2017.

UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS. UMAC Worldwide Database: Brazil. Disponível em: <<http://publicus.culture.hu-berlin.de/collections/list.php?id=qs&quick=brazil#top>>. Acesso em: 23 nov. 2016.